

## POR UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DO CRUZAMENTO VOCABULAR EM PORTUGUÊS

Carlos Alexandre Gonçalves  
(UFRJ/CNPq)

### Palavras iniciais

Neste capítulo, analisamos o fenômeno do cruzamento vocabular (CV) em português, com o propósito de chegar a uma visão mais ampla e mais precisa sobre esse processo de formação de palavras tão discutido nos últimos anos, a partir de perspectivas teóricas bastante diversificadas: (a) a Linguística Cognitiva (ANDRADE; RONDININI, 2016), (b) a Teoria da Otimalidade (MARANGONI, 2021), (c) o Processamento Linguístico (MINUSSI; VILLALVA, 2020), (d) a Sociolinguística (BRAGA; PACHECO; ROCHA, 2022) e (e) a Linguística Textual (VIVAS; MORAIS, 2021), para citar apenas algumas.

Com o objetivo de propor uma visão mais geral e abrangente sobre o fenômeno, isenta de orientações teóricas, comparamos o CV com a composição, procurando comprovar que, apesar de envolverem duas bases, são mecanismos formalmente distintos. Desse modo, refutamos a hipótese de clássicos como Sandmann (1989) e Basilio (2005), para quem o CV é um tipo de composição. Por fim, analisamos os *splinters*<sup>1</sup>, mostrando que formações com essas unidades provêm de cruzamentos,

1 Por ora, podemos definir como porções não morfêmicas utilizadas na criação de séries de palavras, como o *-lé*, de picolé: ‘sacolé’, ‘sucolé’, ‘whiskylé’ e ‘peitolé’, entre tantas outras.

mas passam a ser concatenativas, em virtude de, como os afixos, ocuparem lugar predeterminado na estrutura da palavra e criarem formações padronizadas e em série.

O texto se divide em três principais partes: em primeiro lugar, exemplificamos o fenômeno e testamos várias definições encontradas na literatura. Na sequência, mostramos os pontos de convergência e divergência entre a composição e o CV. O objetivo maior desta parte do trabalho é reivindicar um lugar para o CV na formação de palavras e mostrar que de modo algum é assistemático ou irregular.

Por fim, apresentamos uma tipologia para o fenômeno, abordando tanto os aspectos formais quanto os funcionais, isso sem nos comprometer com nenhuma teoria linguística. Desse modo, a abordagem é fundamentalmente descritiva e praticamente atórica: pretendemos argumentar que o CV não faz parte da morfologia extragramatical, como querem alguns teóricos (cf., p. ex., PLAG, 1999; MATTIELO, 2013), pelo simples fato de responder pela criação de novas unidades morfológicas, modernamente denominadas de *splinters*.

Neste capítulo, iremos nos concentrar nos dados do português brasileiro, valendo-nos de exemplos encontrados em diversos trabalhos sobre o assunto: Sandmann (1985, 1989), Gonçalves (2003, 2019, 2022), Basilio (2005, 2010), Andrade (2009, 2013), Gonçalves, Andrade e Almeida (2010) e Simões Neto (2016), para citar apenas alguns, além dos já mencionados. Para mostrar a vitalidade do processo, ampliamos o *corpus*, ilustrando o texto com formações da esfera política envolvendo os quatro anos do então presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022). Desse modo, a coleta recorreu a fontes informais, a exemplo do site *Desciclopédia*<sup>2</sup>, e às redes sociais, como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Instagram* e o *WhatsApp*. Muitos dados foram rastreados com o auxílio

---

2 Escrita com a colaboração de seus leitores, a *Desciclopédia* é “um site de humor debochado e seu conteúdo não deve ser levado a sério. Todas as nossas regras e políticas convergem para um só princípio: ser engraçado e não apenas idiota” Disponível em: [https://desciclopedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](https://desciclopedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 15 jan. 2023.

da ferramenta eletrônica *Google*. Com esse *site* de busca, chegamos a vários *blogs* e páginas criados com a intenção de demonstrar apreço, desapeço, crítica ou ironia sobre os principais fatos envolvendo a tão polêmica gestão Bolsonaro.

## O fenômeno

Observando o fenômeno, Rio-Torto (1998) mostra que o CV é bastante produtivo e disponível no português brasileiro, mas não encontra correspondência de disponibilidade e produtividade na variedade europeia. Essa constatação é reiterada em Almeida (2005) e em Villalva e Gonçalves (2016), segundo os quais o CV é mais usual no Brasil que em Portugal. Estudos recentes, no entanto, como o de Villalva e Minussi (2022), acenam para o crescente uso na variedade europeia. Nossa análise, neste texto, será centrada nos dados do português do Brasil, sobretudo nos criados em referência ao governo precedente.

Começamos primeiramente exemplificando o CV para, logo após, testarmos algumas definições – tanto de teóricos da morfologia quanto de morfólogos do português. Com isso, pretendemos mostrar os acertos e os desacertos de cada uma, a fim de conhecermos melhor o processo e, ao mesmo tempo, apresentar exemplos mais recentes, surgidos durante a presidência de Jair Bolsonaro (2018-2022). Eis uma primeira amostra de cruzamentos, com dados abonados pelos nossos principais dicionaristas (cf. FERREIRA, 2019; HOUAISS, 2021; MICHAELIS, 2023):

(01)

portunhol (português + espanhol) – “mistura de português e espanhol”

sacolé (saco + picolé) – “picolé em formato de saco”

chafé (chá + café) – “café muito fraco, que se parece com chá”

apertamento (apartamento + aperto) – “apartamento muito pequeno, apertado”

aborrescente (adolescente + aborrece) – “adolescente que aborrece”

Nesse primeiro apanhado de exemplos, já observamos palavras bem diferentes tanto do ponto de vista estrutural quanto funcional. Em alguns casos, há rotulação (‘sacolé’); em outros, expressão de ponto de vista (‘aborrescente’). Há exemplos que envolvem clara sobreposição das bases (‘apertamento’), mas há outros com redução das duas palavras-matrizes (‘portunhol’) ou de apenas de uma (‘chafé’).

O comportamento diferenciado dos dados talvez justifique a enorme variação terminológica encontrada na literatura sobre o fenômeno em português. Algumas retomam o termo inglês correspondente (*blend*) ou sua tradução (mescla, mistura). Como o trabalho mais antigo sobre o português de que temos notícia é o de Sandmann, no seu clássico livro de 1985, optamos pelo rótulo CV. Observe-se, em (02), a enorme diversidade terminológica:

(02)

- (a) Cruzamento vocabular (HENRIQUES, 2007; SANDMANN, 1990; SILVEIRA, 2002);
- (b) Palavra-valise (ALVES, 1990);
- (c) Mistura (SÂNDALO, 2001);
- (d) *Portmanteau* (ARAÚJO, 2000);
- (e) Amálgama (AZEREDO, 2000; MONTEIRO, 1989);
- (e) Composição de partes de palavras (STEINBERG, 2003);
- (f) Mescla vocabular (ÁLVARO, 2003);
- (g) Fusão vocabular – FUVES (BASÍLIO, 2005);
- (h) *Blend* lexical (ALMEIDA, 2005).

A diversidade estrutural dos dados cria um enorme embaraço para definir o fenômeno. Vejamos, na sequência, algumas definições e os problemas de cada uma. Começamos com a de Laubstein (1999, p. 1), para quem o CV provém da “junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é utilizado para completar parte do primeiro”.

Laubstein (1999) chama atenção para a ordem das palavras, afirmando que a primeira completa a segunda, mas qual a primeira

e qual a segunda? O que determina a ordem das palavras no interior do cruzamento? Além disso, a definição dá a entender que a segunda é sempre completa, sendo a primeira encurtada, o que acolhe, por exemplo, ‘sapatênis’ (“calçado com propriedades de tênis e sapato, simultaneamente”), mas deixa de lado ‘brasiguaiio’ (“brasileiro ou paraguaio/uruguaio que vive na fronteira entre os dois países”), duas formas igualmente dicionarizadas e amplamente usuais no português do Brasil.

Tentemos uma segunda definição, encontrada num clássico da morfologia do inglês, Marchand (1960, p. 367), para quem “os *blends* são construídos por meio de palavras reduzidas”. A definição de Marchand resolve parte do problema da de Laubstein, mas deixa de acolher casos em que não há redução de uma palavra ou das duas, como ocorre nos diversos dados em que as palavras de base aparecem emaranhadas, sendo simplesmente impossível dividi-las em partes discretas mínimas. Por exemplo, em ‘crionça’ (“criança muito rebelde”), ‘onça’ não completa ‘criança’, mas compartilha com essa palavra uma porção fonológica para além de uma sílaba. O mesmo raciocínio é válido para a recém-criada ‘Bolsonero’, em que ‘Nero’ não completa ‘Bolsonaro’, sendo praticamente idêntica ao pé nuclear (-naro) desse sobrenome. Como mostra a capa da conhecida revista brasileira *IstoÉ* (Figura 1), Bolsonaro é comparado ao imperador Nero, muito lembrado na História por sua tirania, extravagância, mas, sobretudo, pela crença generalizada de que, enquanto Roma ardia em chamas, estaria compondo com a sua lira. Tal foi o comportamento do ex-presidente durante o auge da pandemia de covid-19: o Brasil estava registrando óbitos e mais óbitos, enquanto o presidente andava de *jet ski* ou era flagrado em diversas “motociatas”.

Figura 1 – Bolsonaro



Fonte: Google Images

De acordo com Algeo (1977, p. 10), “Um blend é uma palavra construída pela união de duas ou mais formas, mas com perda segmental de pelo menos uma”. A definição fornecida por Algeo dá a entender que sempre haverá perda segmental no fenômeno, o que é verdadeiro para muitos casos, mas não para todos. Tal é a situação, por exemplo, das recentes criações ‘Paizuelo’<sup>3</sup> e ‘Mijair’<sup>4</sup>:

3 Alusão ao episódio em que o ex-ministro da saúde, depois de reiteradas cobranças pela vacina, disse que ela chegaria na hora H e no dia D. A imagem o compara a um “pai de santo” fazendo uma espécie de profecia com os búzios.

4 A formação remete ao episódio da crise hídrica, no qual Bolsonaro falou que a população deveria defecar dia sim, dia não. A imagem mostra que o então presidente simplesmente ignora a realidade do país e joga sobre ele suas excrescências.

Figura 2 – ‘Paizuello’ e ‘Mijair’



Fonte: *Google Images*

Outras formações mais antigas são maiores que a palavra de base mais longa. Tal é a situação dos seguintes exemplos, alguns bem conhecidos:

(03)

- cretino (crente + cretino) = “evangélico dissimulado, sonso”
- (classe) mérdia (média + merda) = “classe média falida”
- pedragogia (pedra + pedagogia) = “pedagogia antiga, da idade da pedra”
- paitrocínio (pai + patrocínio) = “patrocínio pelo pai”
- showfer (show + chofer) = “motorista (chofer) muito bom, um show”
- uisquerda (uísqe + esquerda) = “esquerda-caviar; esquerda rica”

São muito comuns casos em que as duas bases são inteiramente preservadas, por compartilharem grande quantidade de massa fônica:

- (04) patriotário (patriota+ otário) = “patriota imbecil; bolsominion”
- gadoente (gado + doente) = “gado (seguidores de Bolsonaro) dementado”
- politicanalha (política + canalha) = “política corrupta”
- fakeada (facada + fake) = “facada falsa”

Por fim, caso levemos em conta a presença de correspondência não idêntica, mas parcial, entre pelo menos um segmento das bases, como sugere, por exemplo, Piñeros (2000), o número de dados sem perda segmental aumenta consideravelmente:

(05)

Micheque (Michelle (Bolsonaro)) + cheque = “cheque de Michelle”

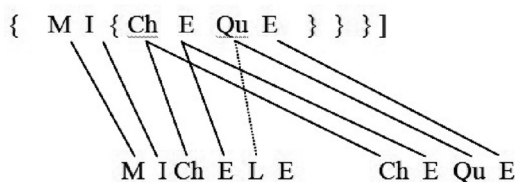
Pilantropia (filantropia + pilantra) = “filantropia corrupta”

Prostiputa (prostituta + puta) = “muito prostituta”

Damales (Damares (Alves)) + males = “Damares muito do mal”

Por exemplo, a formação ‘Micheque’, que passou a ser usada em larga escala em relação à ex-primeira-dama, pode ser considerada uma criação sem perda fônica, caso correlacionemos os segmentos /k/ e /l/. De acordo com Piñeros (2000), esse recurso é muito usado em espanhol e, como podemos perceber na representação a seguir, otimiza maximamente o grau de semelhança entre as bases através da correspondência de segmentos semelhantes<sup>5</sup>:

(06)



A imagem a seguir sintetiza bem o evento em que Fabrício Queiroz (quem assina o “documento” jocoso) fez depósitos, oriundos das supostas “rachadinhas”, no valor de R\$ 89.000,00, na conta da então primeira-dama, para quem o cheque, nessa versão satirizada, seria nominal:

5 Linhas sólidas representam elementos idênticos e linhas pontilhadas, segmentos correspondentes. As demais convenções serão explicadas mais adiante.



Figura 3 – Micheque Bolsonaro



Fonte: Google Images

Testemos, a seguir, a conceituação que Cannon (1986, p 738) propõe para o cruzamento: “recurso entendido como fusão ou superposição deliberada de duas palavras em apenas uma [...]. É um mecanismo relativamente moderno e isolado nos estudos de lexicologia ou de formação de palavras”<sup>6</sup>. No nosso entendimento, a definição de Cannon esbarra em dois grandes problemas: o primeiro é deixar de lado casos sem qualquer fusão ou sobreposição de bases, como se vê em (07), a seguir; o segundo é afirmar que o fenômeno é relativamente moderno e isolado.

(07)

- toboágua (tobogã + água) = “tobogã em que se cai numa piscina”
- futevôlei (futebol + vôlei) = “esporte com rede, mas jogado como futebol”
- showmício (show + comício) = “comício feito com apresentações musicais”
- forrogode (forró + pagode) = “gênero musical que mistura forró e pagode”
- lambaeróbica (lambada + aeróbica) = “ginástica feita com a dança *lambada*”
- macuncrente (macumbeiro + crente) = “crente que frequenta umbanda”
- psicogélico (psicólogo + evangélico) = “psicólogo evangélico”
- vagaranha (vagabunda + piranha) = “muito vulgar; rameira demais”

6 Tradução livre de “resource understood as the deliberate fusion or superposition of two words into one [...]. It is a relatively modern and isolated mechanism in studies of lexicology or word formation”.

Contrariando a ideia de que o fenômeno é moderno, Danks (2003) mostra que, por muitos séculos, escritores foram conscientemente criando cunhagens estilísticas em seus textos, dando a eles um toque de originalidade e elegância. Cruzamentos foram usados por Edmund Spenser, escritor inglês do século XVI, que criou, por exemplo, *foolosophy*, de *fool*, ‘imbecil’, + *philosophy*, ‘filosofia’ = “filosofia tola”, e William Shakespeare, dramaturgo inglês dos séculos XVI e XVII, que inventou, entre outras, *rebuse*, de *rebuke*, ‘repreensão’ + *abuse*, ‘abuso’ = “abuso de autoridade”. No entanto, um dos primeiros escritores a teorizar sobre essas formações foi Lewis Carroll, que fez isso através do famoso personagem Humpty Dumpty<sup>7</sup>:

“Isto explica direitinho”, disse Alice. “E lubriciosos?”  
 “Bem, ‘lubriciosos’ significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende: é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só”<sup>8</sup>  
 (CARROL, 1876, p. 69).

No prefácio do seu clássico *The Hunting of the Snark*, Carroll (1876) nos ensina como misturar palavras, criando compostos. Destaca, no entanto, que o CV provém de um “dom mais raro”<sup>9</sup>, uma “mente perfeitamente equilibrada”:

Por exemplo, pegue as palavras “fumegante” e “furioso”. Pense que dirá ambas as palavras, mas deixá-lo-á inquieto o que dirá primeiro. Agora abra a boca e fale. Se os teus pensamentos inclinam um pouco para “fumegante”, dirá

7 No livro *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá), Humpty Dumpty é uma espécie de ovo com características antropomórficas que constantemente combina palavras.

8 Tradução extraída de Simões Neto (2016, p. 48).

9 Tradução livre de “For instance, take the two words ‘fuming’ and ‘furious’. Make up your mind that you will say both words, but leave it unsettled which you will say first. Now open your mouth and speak. If your thoughts incline ever so little towards ‘fuming’, you will say ‘fuming-furious’; if they turn, by even a hair’s breadth, towards ‘furious’, you will say ‘furious-fuming’; but if you have the rarest of gifts, a perfectly balanced mind, you will say ‘frumious’.”

“fumegante-furioso”; se eles se voltarem, até por um cabelo, para “furioso”, dirá “furioso-fumegante”; mas se tiver o mais raro dos dons, uma mente perfeitamente equilibrada, dirá “fumerigoso” (CARROL, 1876, p. 4).

Voltemos à definição de Cannon. O último ponto digno de nota nessa concepção de CV é o fato de ela afirmar ser esse processo de formação de palavras um fenômeno isolado. Ao contrário da autora, acreditamos que o CV possa até ser universal, uma vez que certamente resulta de uma mesclagem conceptual<sup>10</sup>, habilidade inerente à cognição humana (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Há, na literatura, descrições sobre esse recurso em várias línguas tipologicamente diferentes:

(08)

**Francês** (CLAS, 1980):

*franglais* << français, ‘francês’ + anglais, ‘inglês’ = mistura de francês com inglês

**Espanhol** (PIÑEROS, 2000):

*moskeperro* << mosquetero, ‘mosqueteiro’ + perro, ‘cachorro’ = “cachorro-mosqueteiro”

**Alemão** (BRDAR-SZABÓ; BRDAR, 2008):

*WAPathie* << WAP ‘sigla de wireless’ + Apathie, ‘apatia’ = “banda larga lenta”

**Húngaro** (BRDAR-SZABÓ; BRDAR, 2008):

*adventúra* << adventure ‘aventura’ + túra, ‘turismo’ = “turismo com aventura”

**Inglês** (cf. KEMMER, 2000):

*flunami* << tsunami, ‘tsunami’ + flu, ‘gripe’ = “gripe assoladora”

10 O processo de Mesclagem Conceptual é construído a partir da integração de espaços mentais cujos conteúdos relacionam uma rede de conceitos advindos de esquemas conceptuais como os *Frames* e os Modelos Cognitivos Idealizados.

**Hebraico** (BAT-EL, 2006):

*kloran* << klan, ‘KKK’ + Koran, ‘livro sagrado’ = “bíblia usada pela Ku Klux Klan”

**Indonésio** (DARDJOWIDJOJO, 1979):

*polair* << polisi, ‘polícia’ + air, ‘água’ = “bombeiro”

**Alemão** (RONNEBERGER-SIBOLD, 2006; RONNEBERGER-SIBOLD, 2012)

*kamelefant* << kamel, ‘camelo’ + *elefant*, ‘elefante’ = “elefante com função de camelo”

**Malaio** (DOBROVOLSKY, 2001)

*menlu* << men, ‘ministro’ + lu, ‘externo’ = “ministro das relações exteriores”

**Italiano** (THORNTON, 1993)

*anttivista* << anti, ‘anti’ + attivista, ‘ativista’ = “contrário aos militantes ativistas”

**Galego** (MARTÍNEZ, 2014)

*cuinalefació* << cuina, ‘cozinha’ + calefació, ‘calefação’) = calefação para cozinhas

Vamos, agora, testar uma definição de um morfólogo do português. Escolhemos Sandmann, por ser o primeiro autor de que se tem notícia a descrever o fenômeno. Para ele, “o cruzamento é um tipo de composição em que duas palavras se fundem para formar uma terceira” (SANDMANN, 1985, p. 236). Entendemos que a definição de Sandmann (1985) esbarra em três questões importantes, uma delas já apontada: (a) nem todos os casos de cruzamento resultam em fusão, mecanismo aqui entendido como interposição, entranhamento, sobreposição, como exemplificamos nos dados em (07); (b) a existência de (poucos) cruzamentos envolvendo três formas de base, como as novíssimas ‘evangeguistão’ e ‘Carluxonaro’, mas outras, mais antigas e menos avaliativas, como ‘cantrizlarina’

(‘cantora’ + ‘atriz’ + ‘bailarina’), (suco de) ‘maracajuva’ (‘maracujá’ + ‘caju’ + ‘uva’) e ‘maravibótimo’ (‘maravilhoso’ + ‘bom’ + ‘ótimo’); e, sobretudo, (c) a alegação de que o CV é um tipo de composição.

A formação ‘evangeguistão’ demonstra posicionamento crítico do conceptualizador em relação à crescente participação de evangélicos neopentecostais em cargos públicos de grande relevância nacional, o que poderia fazer com que o Brasil se tornasse um país parecido com as ditaduras islâmicas, que, totalmente fundamentalistas, misturam religião com política. Grande parte dessas formações termina em *-istão*, raiz antiga do indo-europeu que significa “terra de”: ‘Paquistão’, ‘Turquistão’, ‘Afeganistão’, ‘Uzbequistão’ etc. Como se observa nos comentários a seguir, a palavra ‘jegue’ aparece no interior do cruzamento para ironizar, por exemplo, a bancada da Bíblia, falas preconceituosas de deputados e senadores neopentecostais e expressões como “terrivelmente evangélico”, esta última amplamente usada pelo então presidente na indicação de um dos ministros do STF. Comprovemos esse uso com três diferentes postagens: a primeira é um comentário no YouTube sobre o vídeo do filósofo Paulo Ghiraldelli, intitulado “Os evangélicos emburrecem o Brasil”<sup>11</sup>:

**Figura 4 – Tweet de evangeguistão**

(09)



DANIELE MARÇAL há 11 meses

Se não agirmos, o Brasil vai se tornar um Evangeguistão! Só de pensar, sinto calafrios!



5



Responder

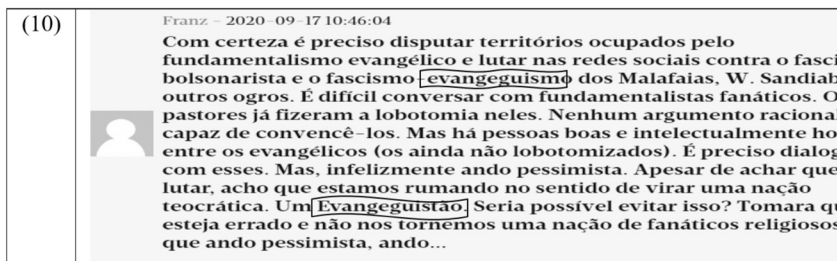
**Fonte:**

No *tweet* a seguir, o internauta, além de usar ‘evangeguistão’, também faz uma derivação com o sufixo *-ismo* para reforçar o caráter ideológico/doutrinário dessa possível união<sup>12</sup>:

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCBMKrkHv07GoYb5ITLt0sYQ/community?lb=Ugkxoc1GHNV5SnMhxy-VXDVGzjkeweuY6n5h>. Acesso: 15 fev. 2023.

12 Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/e-preciso-disputar-territorios-ocupados-por-igrejas-e-dialogar-com-evangelicos-diz-esther-solano>. Acesso em: 15 fev. 2023.

Figura 5 – Tweet de evangeguição e evangeguismo



Fonte:

Por fim, a Figura 6 diz tudo: o fundamentalismo religioso pode acabar rompendo o dique, estado laico, que protege a democracia:

Figura 6 – Imagem da relação estado-religião com o possível evangeguistão



Fonte: Google Images

Como se pode observar, cruzamentos são notavelmente diversos em termos de sua estrutura formal e variam muito de língua para língua (BELIAEVA, 2019). De acordo com Fandrych (2008), o termo *blending* (aqui empregado em referência ao processo) é metafórico, já que vem a ser utilizado em referência à mistura de palavras preexistentes e as formas resultantes refletem, iconicamente, as palavras-matrizes por

meio de diferentes estratégias. Da mesma maneira, Bauer afirma que, sob a rubrica *blending*, “há um conjunto de formações cuja taxonomia é difícil de discernir. Algumas palavras que funcionam como cruzamentos mantêm uma das duas bases intactas e outras não”<sup>13</sup> (BAUER, 2005, p. 236). Esses depoimentos mostram a dificuldade de definir o fenômeno, apesar de sua vitalidade ter crescido muito no século XXI, como observa Mattiolo (2013).

Pelo que se expôs até aqui, podemos considerar que cruzamentos vocabulares:

- a. caracterizam-se maciçamente pela combinação de duas palavras que se encurtam/misturam/fundem para formar uma terceira;
- b. apresentam função de rotulação (nomeação), mas – principalmente – manifestam o ponto de vista do conceptualizador a respeito de algo ou alguém (função atitudinal ou expressiva de avaliação);
- c. apesar de efêmeros e altamente dependentes de co(n)texto, não são criações modernas, pois aparecem, por exemplo, em textos literários antigos;
- d. assemelham-se a compostos, que também envolvem a combinação de duas formas de base, mas, no nosso entendimento, **resultam de um processo não concatenativo de formação de palavras**, uma vez que não respeitam a sucessão linear estrita das bases, mesmo nos casos em que apenas uma delas é reduzida (‘toboágua’).

Desse modo, não interpretamos o cruzamento como um tipo especial de composição como fazem, por exemplo, Sandmann (1990) e Basilio (2005). Então, para justificar essa proposta de análise, vamos destacar os pontos de divergência entre os dois processos.

---

13 Tradução livre de “*There are a number of formations whose taxonomy is difficult to discern. Some words that function as crossovers keep one of the two bases intact and others do not*”.

## Cruzamento e composição como processos distintos

Um argumento forte o bastante em favor de ser o cruzamento diferente da composição é o fato de formar verbos (‘abreije’, ‘chorrindo’), o que nunca ocorre com a composição, ainda que um verbo participe da construção, à semelhança de uma relação Verbo-Objeto (‘saca-rolhas’, ‘louva-a-Deus’), ou, ainda, mesmo que dois verbos se combinem, a exemplo de ‘bate-entope’, ‘senta-levanta’ e ‘deita-e-rola’, entre outros. Por fim, não deixam de ser relevantes os casos em que uma forma verbal duplica e cria um nome (‘puxa-puxa’, ‘esconde-esconde’).

A especificidade de a composição formar apenas nome já vem sendo mostrada, aqui no Brasil, desde o trabalho de Lee (1995) e é reforçada, por exemplo, em Gonçalves e Almeida (2014), que, com base em Booij (2005), propõem o seguinte esquema para a composição<sup>14</sup>:

$$(11) \quad [[X]_x[Y]_y]_N$$

Esse, por si só, constitui argumento forte na defesa do CV como processo diferente da composição. Na relação a seguir, em (12), aparecem vários verbos como produtos de cruzamentos; em todos os casos, temos como resultado um verbo de natureza copulativa, pois a relação entre as bases é sempre de coordenação. Por exemplo, ‘chorrir’ pode ser interpretado como “chorar e rir ao mesmo tempo”:

14 No esquema em (11), as variáveis X e Y representam sequências fonológicas e os subscritos x e y, categorias lexicais. O esquema dos compostos expressa a generalização de que a composição, independentemente da posição da cabeça lexical, sempre forma nomes em português (daí o subscrito N).



(12)

ouver << ouvir + ver = “ver e ouvir ao mesmo tempo”

roubartilhar << roubar + compartilhar = “compartilhar de outrem”

empresdar << emprestar + dar = “dar com a desculpa de empréstimo de outrem”

enloquepirar << enlouquecer + pirar = “pirar de vez”

curtilhar << curtir + compartilhar = “curtir e compartilhar”

omentir << omitir + mentir = “mentir através da omissão”

estremexer >> estremecer + mexer = “mexer estremecendo”

A composição apresenta inúmeros padrões estruturais, como é o caso dos seguintes, entre vários outros, caso admitamos que idiomatismos são compostos, a exemplo de (13, o):

(13)

a. subst.+ prep. + subst.: dente de leite; corpo a corpo;

b. num.+ subst.: mil-folhas; três Marias;

c. prep. + adj./subst.: abaixo-assinado; além-mar;

d. subst. + adj.: cofre-forte, dedo-duro, sangue-frio;

e, adj. + subst.: alto-relevo, boa-fé, puro-sangue;

f. adv. + subst./adj.: bem-vindo, não fumante;

g. adv. + verbo: malquerer; bem-estar;

h. verbo + subst.: guarda-chuva, paraquedas;

i. verbo + adj.: come-quieto, come-calado;

j. verbo + prep. + subst.: faz de conta, louva-a-deus; lava a jato;

k. adv. + pron. + verbo: não-me-toques, não-me-deixes;

l. subst. + pron. +verbo: Deus nos acuda

m. verbo + conj. verbo: vai e vem, leva e traz;

n. verbo + verbo: corre-corre-agarra-agarra

o. subst. + verbo + prep. +art. + subst.: maria vai com as outras

p. (...)

Rio-Torto (2014) faz um exaustivo levantamento dos padrões de combinação de palavras nos cruzamentos e aponta que muitos têm correspondência com compostos. No entanto, a variedade apresentada em (13) contrasta com a pouca diversidade de combinações nos cruzamentos<sup>15</sup>:

(14)

S-S: Dhammernaro, BolsoHitler, Bolsolixo, bolsomerda

A-S: chatonaro, bestanaro, bostanaro

S-A: bolsocaró, bolsoimundo, bolsoignaro

A-A: analfaburro, horrorível, Macuncrente

V-S: soffessor, roubanaro

S-V: cartomente, bolsodar

Outro argumento de natureza morfossintática pode ser trazido à tona para reforçar a ideia de que cruzamento e composição constituem processos distintos: a posição da cabeça lexical. Como observado em Silveira (2002), primeira dissertação sobre o CV em português de que se tem notícia, na composição de base livre, como ‘tubarão-martelo’, a cabeça lexical se posiciona sempre à direita (exceto nos casos oriundos de neoclássicos com forma livre correspondente, a exemplo de *-fobia*, *-mania*, *-terapia* etc.). Nos cruzamentos, há grande oscilação quanto à posição da cabeça. De fato, nos compostos com dois substantivos, o padrão geral é Determinado-Determinante (DM-DT), com cabeça à esquerda, ainda que o segundo substantivo possa não ser interpretado metafórica ou metonimicamente, a exemplo de ‘sofá-cama’ e ‘meia-calça’; nos cruzamentos, o lugar do núcleo varia bastante, conforme o levantamento que fizemos para este texto. Nos dados a seguir, 1 representa o determinado (DM) e 2, o determinante (DT). O padrão 1 1 diz respeito aos casos de coordenação. Como os casos com estrutura

15 Há outras combinações minoritárias, como as feitas com elementos funcionais, a exemplo de ‘maisculino’ (RIO-TORTO, 2014, p. 24) e ‘antivista’, achada por nós em referência aos terroristas que invadiram e depredaram Brasília no dia 08/01/23. No entanto, a autora destaca, como nós, que “os padrões estruturais de fusão não são menos variados que os que caracterizam a composição em português, sendo maioritariamente comuns a ambos os processos”. Para deixar bem claro, nos exemplos em (15) S abrevia Substantivo, V, Verbo e A, Adjetivo.

VV (‘curtilhar’) e AA (‘maravilinda’) são sempre coordenativos, não constam do quadro a seguir:

**Quadro 1 – Padrões estruturais de cruzamento**

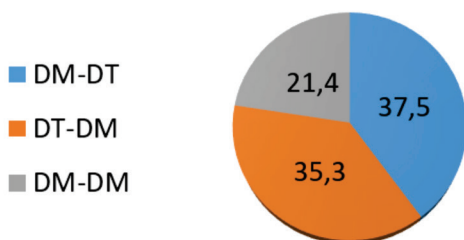
SUBSTANTIVO + VERBO	SUBST. + ADJETIVO	ADJETIVO + SUBSTANTIVO	SUBST. + SUBST. (metaforizado)	SUBST. + SUBST. (metaforizado)
<b>aborrescente</b> 2-1 “adolescente que aborrece”	<b>apartamento</b> 2-1 “apartamento apertado”	<b>crentino</b> 2-1 “crente hipócrito”	<b>boilarina</b> 1-2 “bailarina gorda”	<b>uisquerda</b> 2-1 “esquerda do uísque”
<b>cartomente</b> 1-2 “cartomante que mente”	<b>inutensílio</b> 1-2 “utensílio inútil”	<b>tristemunho</b> 2-1 “testemunho que é triste”	<b>monstruação</b> 1-2 “menstruação monstruosa”	<b>matel</b> 2-1 “motel no mato”
<b>terrír</b> 1-2 “filme de terror para rir”	<b>pílantropia</b> 1-2 “filantropia pilantra”	<b>novelha</b> 1-2 “novela velha”	<b>privataria</b> 1-2 “privatização que é pirataria”	<b>pãe</b> 1-2 “pai zeloso como mãe”

Fonte: elaboração própria

No Gráfico 1, a seguir, há uma distribuição quase equilibrada entre os padrões DM-DT e DT-DM, o que não acontece na composição com base livre. Reiteramos, respaldados em Gonçalves (2019), que raríssimos são os casos de composição vocabular DT-DM, restritos, quase exclusivamente à composição neoclássica, marcada, por exemplo, por vogal entre os constituintes:

Gráfico 1 – Padrões de cruzamento

## Padrões de cruzamento



Fonte: elaboração própria

Ainda sob um olhar morfossintático, os compostos caracterizam-se pela peculiaridade de admitir processos morfológicos em seu primeiro componente, como se verifica em ‘peixes-espada’ (flexão de número), ‘filha da p.’ (flexão de gênero) e ‘priminha-irmã’ (variação de grau). Cruzamentos, por sua vez, só podem variar na margem direita: ‘forrogoideiro’ (acréscimo de *-eiro* a ‘forrogode’), ‘optatórias’ (variação de número de (disciplina) ‘optatória’) e ‘brasiguaia’ (variação de gênero de ‘brasiguaio’). Dito de outra maneira, cruzamentos são mais integrados que compostos, constituindo unidades bem mais atômicas. Passemos, na sequência, aos argumentos que consideramos mais decisivos para a separação composto/cruzamento.

A lista de argumentos de que nos valemos para afirmar que o cruzamento constitui fenômeno distinto da composição pode ser aumentada significativamente se considerarmos que o CV:

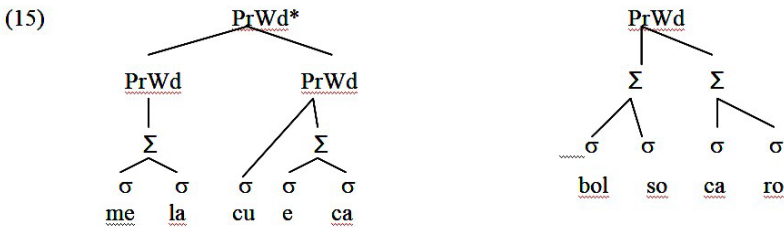
- a. Opera com bases que são palavras nem sempre completas, isto é, cruzamentos geralmente envolvem pedaços (porções não morfêmicas) de pelo menos uma forma de base. Essa é uma diferença morfológica bem consistente entre os processos;

b. É marcado pela perda de segmentos fônicos não motivada por processos fonológicos regulares, como nos compostos aglutinativos (se é que existem), que podem sofrer crase ('aguardente'), elisão ('planalto') ou haplologia ('tragicômico'), ou seja, a composição pode se submeter a processos de sândi externo, o que não vem ao caso nos CVs;

c. Não necessariamente se caracteriza pelo encadeamento, sendo, por isso mesmo, um processo não concatenativo de formação de palavras. Nos compostos, uma palavra se inicia exatamente no ponto em que a outra termina ('beija-flor'). Ainda que haja sândi, é possível identificar a fronteira das palavras e a existência de unidades morfêmicas;

d. Realiza-se sob uma única palavra prosódica, enquanto compostos regulares via de regra constituem uma palavra morfológica vinculada a duas prosódicas. Estamos querendo dizer, com isso, que, nos CVs, há total isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica, o que raramente ocorre nos compostos de base livre, como se vê na formalização a seguir, em que  $\sigma$  representa sílaba;  $\Sigma$ , pé métrico; e PrWd, palavra prosódica:

Figura 7 – Relação de PrWd em compostos e cruzamentos



Fonte: elaboração própria

Na Figura 7, observa-se que, no composto V-N ‘mela-cueca’<sup>16</sup>, cada base projeta sua própria palavra prosódica, o que leva à criação de uma palavra prosódica complexa (PrWd\*). No composto, a abertura da vogal média da primeira PrWd sinaliza a presença de acento, criando um domínio fonológico próprio. No cruzamento, por sua vez, há uma só PrWd, o que pode ser comprovado pela pronúncia de uma média na segunda sílaba, o que sinaliza que tal vogal não sofre a neutralização das postônicas, não se realizando como alta, ainda que exista na língua uma palavra com os mesmos segmentos: ‘bolso’, forma que sofre a neutralização das postônicas e a vogal final se realiza [u].

Estabelecidas as devidas fronteiras, passemos, na sequência, à tipologia dos cruzamentos.

### Tipos de cruzamento

Beliaeva (2019) mostra que mesclas são notavelmente diversas em termos de sua estrutura formal, divergindo muito de uma língua para outra. Embora o fenômeno pareça familiar em várias línguas, tendendo mesmo à universalidade, seus modos de manifestação nem sempre são os mesmos. Passemos, então, à descrição dos tipos de CV existentes em português, atentando para as funções que apresentam. Pretendemos reiterar que, sob a rubrica “Cruzamento Vocabular”, aparecem dois diferentes tipos de processos:

- a. o **entranhamento lexical** (ou impregnação vocabular) – que corresponde ao que Piñeros (2000) denomina de “*portmanteau*”; e

16 De acordo com o Dicionário Informal, mela-cueca é a “denominação para um certo tipo de música (farró, por exemplo) em que os membros de um par dançam muito colados, o que ocasiona a excitação do homem, levando à lubrificação de seu pênis. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/mela-cueca/#:~:text=2.,Mela%2Dcueca&text=Denomina%C3%A7%C3%A3o%20para%20um%20certo%20tipo,%C3%A0%20lubrificac%C3%A7%C3%A3o%20de%20seu%20p%C3%AAnis>. Acesso em: 07 fev. 2023.

b. a **combinação truncada** (ou encadeamento de partes) – que corresponde ao que Piñeros (op. cit.) denomina de “*telescope*”.

Os entranhamentos nunca preservam a sucessão linear estrita, uma vez que as bases são literalmente fundidas; a interposição de palavras provoca ruptura na ordem linear estrita por meio de um *overlapping*, que leva a uma correspondência de um-para-muitos entre formas de base e forma cruzada. Como resultado, uma das bases é realizada simultaneamente com uma parte da outra, a exemplo de ‘familícia’, alusão ao núcleo familiar dos Bolsonaro, comprovadamente envolvido em práticas ilícitas, como as chamadas “rachadinhas”:

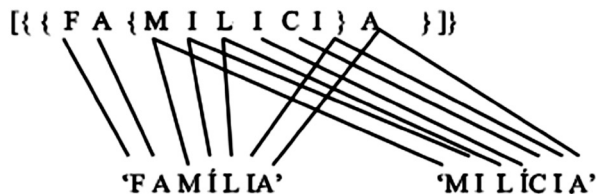
Figura 8 – Familícia



Fonte: Google Images

Na representação a seguir, muitos são os segmentos que as duas bases têm em comum. Observe-se que a palavra ‘milícia’ está literalmente dentro do cruzamento, enquanto ‘família’ contribui com a sílaba inicial, tendo a ordem de seus segmentos rompida pela presença da sílaba <ci>, exclusiva de ‘milícia’:

Figura 9 – Família



Fonte: elaboração própria

O entranhamento lexical tem como característica básica o fato de uma das palavras de origem predicar a outra, como no exemplo da Figura 9, em que o clã Bolsonaro é predicado por ‘milícia’, ainda que as bases sejam da mesma classe. Em geral, as unidades lexicais formadas por esse processo têm valor depreciativo, irônico, a exemplo de ‘Bolso-Hitler’, em que se verifica uma modificação feita no nome próprio do ex-presidente a partir de uma suposta filiação ao nazismo. Fica nítida, nessa nova nomeação, a atitude subjetiva do falante, que forma um tipo depreciativo de CV, ao mesclar dois antropônimos, sendo o segundo, que predica o primeiro, uma figura histórica rechaçada no Brasil e no mundo por sua crueldade e perseguição às minorias. Segundo Sandmann (1990, p. 59), o “traço que caracteriza muitos cruzamentos vocabulares é a sua especificidade semântica, isto é, eles vêm muitas vezes carregados de emocionalidade, sendo que esta é depreciativa, às mais das vezes, e com pitadas de ironia”.

O entranhamento lexical faz amplo uso da ambimorfemia<sup>17</sup> (PIÑEROS, 2000) e alguns autores ainda admitem a correspondência de segmentos não idênticos (‘burrocracia’, ‘pilantropria’), como vimos anteriormente. Ainda que não consideremos a ambimorfemia, as margens das formas de base são maximamente aproveitadas na forma final, o que leva a um menor número de deleções e, conseqüentemente, ao

17 A ambimorfemia é o “compartilhamento de unidades fonológicas (sons, sílabas, seqüências) comuns a mais de um morfema em decorrência da interposição das palavras matrizes” (GONÇALVES, 2006, p. 23).



melhor rastreamento das formas de base e à leitura mais viável do CV, ainda que essas formas sejam dependentes de contexto para sua efetiva interpretação. Cruzamentos desse tipo geralmente aparecem em gêneros multimodais, nos quais a imagem leva à leitura correta dos cruzamentos efetuados.

Tal é o caso de ‘mitoquina’. Isolada, tal forma parece não fazer sentido, sendo necessário um contexto, cotexto ou uma imagem. Satisfeitas essas condições, imediatamente se reconhece a natureza lexical que caracteriza a formação pelo fato de seus *inputs* serem oriundos do vocabulário cotidiano: ‘mito’ faz referência ao ex-presidente da república que insistiu no uso da cloroquina como tratamento precoce para a covid-19. Essa forma, portanto, é avaliativa, visto que foi criada com o intuito de ironizar a postura do presidente, totalmente na contramão da ciência:

Figura 10 – Mitoquina



Fonte: Google Images

O segundo subprocesso de CV é a **combinação truncada**, que, em geral, não faz uso da ambimorfemia, uma vez que são raros os casos em que há semelhança fônica entre as formas de base. Quando as palavras

não são do mesmo tamanho, a maior sofre encurtamento e a menor se concatena a ela ('bolsokid', 'bostanaro'). Quando as duas apresentam equivalente número de segmentos, há redução em ambas ('cloroctina', 'coronga'). De um modo geral, o significado do produto corresponde a uma combinação quase sempre transparente dos significados de ambas as palavras. Desse modo, na combinação truncada os produtos são bem mais transparentes, mas alguns igualmente carecem de contexto para interpretação. Tal é o caso das duas citadas: 'cloroctina' funde 'cloroquina' com 'ivermectina' e faz alusão irônica aos remédios, sem nenhuma evidência científica, indicados pelo ex-governo para o combate ao vírus da covid-19. 'Coronga', por sua vez, resulta da fusão de 'corona(vírus)' com 'mcoronga', num claro deboche dos negacionistas sobre a existência do vírus:

Figura 11 – Cloroctina e coronga



Fonte: Google Images

Além de exercer, nos termos de Basilio (1987), função sobretudo discursiva, esse subprocesso de CV desempenha ainda função de rotulação, ao criar unidades lexicais, renovando o inventário lexical com neologismos institucionalizados, que, muitas vezes, passam a ser registrados nos dicionários, como é o caso de 'futevôlei', 'sacolê' e 'portunhol'. Dessa maneira, as palavras mescladas cumprem o papel de denominar e/ou caracterizar seres, ações ou estados – função básica do léxico –, permitindo categorizações cada vez mais particulares.

Os dois tipos de CV, além de formalmente distintos, desempenham papéis discursivos bastante diferentes, conforme demonstram Gonçalves e Almeida (2007, p. 13),

os entranhamentos lexicais são predicativos. Neles, a predicação atua de duas maneiras: (a) acentua propriedades inerentes ou possíveis do determinado ou, em vez disso, (b) atribui propriedades implausíveis a ele, através de extensões metafóricas ou metonímicas. Ao contrário do entranhamento, as combinações truncadas e as reanálises têm em comum, em relação ao referente que designam, um caráter mais descritivo e menos avaliativo.

### Criações seriais?

Uma questão morfológica interessante no CV é o fato de poder criar séries de palavras e, com isso, promover elementos recorrentes à condição de formativos de devido direito. Quando isso acontece, rompe-se a fronteira entre o não concatenativo e o concatenativo, aparecendo novas unidades de formação, chamadas *splinters*. Sem dúvida alguma, esse é um argumento forte o bastante para abordar esse processo no âmbito da formação de palavras, já que pode projetar sequências fônicas à condição de elementos morfológicos. Em inglês, *splinter* originalmente significa “lasca”, “fragmento”, “pedaço”. Na literatura morfológica, por sua vez, remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais.

Desse modo, formações com *splinters* diferenciam-se de cruzamentos e estão a meio do caminho entre a composição e a afixação (KASTOVSKY, 2009). Estamos afirmando, com isso, que nem todos os casos de cruzamentos podem ser interpretados como constituídos de *splinters*. CVs são fusões vocabulares isoladas, como as já referidas ‘família’, ‘Damales’, ‘Micheque’ e ‘bolsonavírus’, cujos constituintes (se é que assim podemos nos referenciar à estrutura morfológica dessas

palavras) de modo algum recorrem. Formações com *splinters*, como as em (15) e (16), a seguir, apresentam um elemento recorrente à esquerda, “o que, de certo modo, lhes dá o direito de reivindicar (a) a existência de concatenação e (b) um estatuto morfológico próprio”<sup>18</sup> (BAUER, 2005, p. 157). Contrastem-se os dados em (15), que podem ser considerados casos de entranhamento, em função da ambimorfemia, como em (16), mais tipicamente categorizáveis como combinação truncada:

(15)

**Bolsonazi** (<https://pt-br.facebook.com/bolsonarofascista>)

**Bolsoneca** (<https://twitter.com/hashtag/bolsoneca>)

**Bolsonicho** ([sundial.thiagorsantana.com](http://sundial.thiagorsantana.com))

**Bolsonojo** (<https://twitter.com/hashtag/bolsonojo>)

**Bolsonagem** ([https://www.facebook.com/Community > Bolsonagem](https://www.facebook.com/Community/Bolsonagem))

**Bolsonegador** (<https://twitter.com/hashtag/bolsonega>)

**Bolsonada** (<https://twitter.com/bolsonada>)

**Bolsonabo** (<https://www.youtube.com/watch?v=GbhfuVKsNRU>)

(16)

**Bolsoanta** (<https://www.youtube.com/watch?v=Ba7KKmW-RaI>)

**Bolsoasno** (<https://www.dicionarioinformal.com.br/bolsoasno/>)

**Bolsobesta** (<https://twitter.com/hashtag/bolsobesta>)

**Bolsobosta** ([https://pt-br.facebook.com > > BolsoBosta](https://pt-br.facebook.com/BolsoBosta))

**Bolsoburro** (<https://twitter.com/hashtag/bolsoburro>)

**Bolsodemo** ([geradormemes.com/meme/pcokqg](http://geradormemes.com/meme/pcokqg))

**Bolsofake** (<https://pt-br.facebook.com/Bolsofake/>)

**Bolsofilho** (<https://twitter.com/hashtag/bolsofilho>)

Caso analisemos *bolso-* como *splinter*, deixa de ser necessário diferenciar os dois tipos de cruzamento. Além disso, temos aqui um *splinter* pelo fato de as formações em (17), a seguir, infringirem uma das principais características do CV defendidas neste texto – sua realização numa única palavra prosódica:

18 Tradução livre de “which, in a way, gives them the right to claim (a) the existence of concatenation and (b) a morphological status of their own”.

(17)

**Bolsoditador** (<https://twitter.com/hashtag/bolsoditador>)

**Bolsoestuprador** (<https://twitter.com/hashtag/BolsoEstupro?src=hash>)

**Bolsotraficante** ([https://mobile.twitter.com/maluaires/with\\_replies](https://mobile.twitter.com/maluaires/with_replies))

**Bolsoladrão** (<https://twitter.com/hashtag/bolsoladrão>)

**Bolsolunático** (<https://twitter.com/cynaramenezes/status/3>)

**Bolsominion** (<https://www.dicionarioinformal.com.br/bolsominion/>)

Como se vê, as formações em (17) são grandes demais para se realizar sob um único acento e isso criaria mais um conflito para a já tão complicada definição de CV. Com a recorrência da forma, temos um novo elemento morfológico que, como os prefixos, apresenta fixidez posicional (sempre recorre à esquerda), mas, como os radicais, tem conteúdo mais lexical (referencia um sobrenome).

### Palavras finais

Pelo que se expôs ao longo deste texto, podemos afirmar que o CV

- a. é um processo heterogêneo (realiza-se de variadas maneiras – p. ex., *portmanteau* vs. *Telescope*) (PIÑEROS, 2000);
- b. não é tão novo como parece (é encontrado em textos literários antigos) (LEHRER, 2007);
- c. de maneira alguma é isolado (aparece em línguas diversas não diretamente aparentadas) (DANKS, 2003);
- d. pode ser um fenômeno universal, pois reflete uma das principais características da cognição humana: a mesclagem conceptual (LANGACKER, 1987);
- e. de modo algum é irregular (sua regularidade, em português, diz respeito a fatores fonológicos, como a semelhança fônica e o tamanho das matrizes lexicais);

f. difere da composição (é um processo não concatenativo);

g. não é extragramatical (deve fazer parte da gramática justamente porque pode criar unidades de análise morfológica a que damos o nome de *splinters*) (ŠTEKAUER, 1991);

h. é efêmero, muitas vezes dependente de contexto para sua interpretação e reflete usos criativos da linguagem;

i. é um típico processo de interface morfologia-fonologia.

Esperamos que este texto tenha cumprido seu principal objetivo: fornecer ao leitor uma visão mais compreensiva sobre o cruzamento vocabular, uma vez que o fenômeno saiu da marginalidade em que se encontrava até a década de 90 do século passado (cf. GONÇALVES, 2003) para constituir objeto de investigação de linguistas de diferentes linhas teóricas. Ficamos na expectativa de ter comprovado que o CV é diferente de outros processos de formação de palavras, como a composição e as construções com *splinters*.

## Referências

ADAMS, V. **An introduction to modern English word formation**. London: Longman, 1973.

ALGEO, J. Blends, a structure and sistematic view. **American Speech**, v. 52, p. 47-64, 1977.

ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português: aspectos semântico-cognitivos. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (org.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. v. 1, p. 157-170.

ALVARO, P. T. **Nas raias da recategorização léxico-semântica: uma análise sócio-cognitiva da combinação lexical em português**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

ALVES, I. M. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE K. E.; RONDININI, R.B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **D.E.L.T.A.**, 32 (4), 2016.

ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: estudo otimalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. *In: GONÇALVES, C. A. et al. (org.). Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit Soluções editoriais, 2009. p. 123-145.

ANDRADE, K. E. **Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

ARAÚJO, G. A. Morfologia não concatenativa: os portmanteaus. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 39 (2), 2000.

AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos da gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BASÍLIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. **XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Porto, p. 201-210, 2010.

BASILIO, M. A Fusão vocabular como processo de formação de palavras. Conferência apresentada no **IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Salvador: UFBA, 10-13 de outubro de 2005.

BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BAT-EL, O. Blend. *In: BROWN, K. (ed.). Encyclopedia of language & linguistics*. 2. ed. Volume 2. Oxford: Elsevier, 2006. p. 66-70.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. *In: DRESSLER, W. et al. (ed.). Morphology and its demarcations*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 97-108.

BELIAEVA, N. Blending creativity and productivity: on the issue of delimiting the boundaries of blends as a type of word formation. *Lexis – Journal of English Lexicology*, 14 (1), 2019.

BENFICA DA SILVA, V. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BRAGA, E.; PACHECO, V.; ROCHA, W. A relação entre conhecimento, uso e faixa etária de blends por falantes nativos do PB. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 34, p. 205-224, 2022.

BRDAR-SZABÓ, R.; BRDAR, M. On the marginality of lexical blending. **Jezikoslovlje**, 9 (1-2), p. 171-194, 2008.

CANNON, G. Blendig. *In*: BOOIJ, G. *et al.* (ed.). **Morphologie/Morphology**: ein internationales handbuch zur flexion und wortbildung/an International Handbook on Inflection and Word-Formation. Berlin: Walter de Gruyter, 2000. p. 952-956.

CANNON, G. Blends in English word formation. **Linguistics**, 24 (4), 725-753, 1986.

CARROL, L. **The hunting of the snark**: an agony in eight fits. Macmillan, 1876. Disponível em: <https://archive.org/details/huntingofsnarkan00carruoft/page/n99/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CARROLL, L. **Alice's adventures in Wonderland and Through the Looking Glass**. Stilwell Digireads.com Book, 1872.

CLAS, A. De laformation des mots nouveaux. **Meta**: journal des traducteurs, 25, 3:345-347, 1980.

DANKS, D. **Separating blends**: a formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes. Liverpool: University of Liverpool, 2003.

DARDJOWIDJOJO, S. Acronym Patterns in Indonesian. **Pacific Linguistics**. Series C, 45: 143-160, 1979.

DOBROVOLSKY, M. Malay blends – CV or syllable template? **Calgary (Working) Papers in Linguistics**, 23, Spring, p. 12-29, 2001.

FANDRYCH, I. Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings. **Lexis – E-Journal in English Lexicology**, (2): 105-123, 2008.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. Conceptual blending and the mind hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI**: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FRADIN, B. Combining forms, blends and related phenomena. *In*: DOLESCHAL, U.; THORNTON, A. M. (ed.). **Extragrammatical and marginal morphology**. München: Lincom Europ, 2000. p. 11-59.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 60-90, 2011. DOI: 10.14393/DL10-v5n2a2011-5.

GONÇALVES, C. A. V. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. **Estudos Linguísticos**, v. 48, p. 899-918, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. O poder nas palavras: (des)construções lexicais do nome do atual presidente do Brasil. *In*: ARAÚJO, S.; OLIVEIRA JR., M.; SANTANA, L. (org.). **Linguagem e sociedade**: questões variacionistas, filológicas e discursivas. Campinas: Pontes Editores, 2022. v. 1, p. 46-79.



GONÇALVES, C. A. V. “Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra”: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, 13: 139-158, 2013.

GONÇALVES, C. A. V. **Atuais tendências em formações de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V. Blends lexicais em português: não concatenatividade e correspondência. **Veredas** 7: 149-167, 2003.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. **Domínios da Linguagem**, 5: 62-89, 2011a.

GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. **Revista da ABRALIN**, 10: 67-90, 2011b.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. **Linguística**, Rio de Janeiro, 6: 64-82, 2010.

HENRIQUES, C. C. **Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2021.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: MCCONCHIE, R. W.; HONKAPOHJA, A.; TYRKKÖ, J. (ed.). **Selected proceedings of the 2008 symposium on New Approaches in Historical Lexis (HEL-LEX 2)**. Somerville: Cascadilla Proceedings, 2009, p. 1-13.

KEMMER, S. Schemas and lexical blends. **LAUD**, Series B, p. 299: 1-28, 2000.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Califórnia. Stanford University Press, 1987.

LAUBSTEIN, A. S. Word blends as sublexical substitutions. **Canadian Journal of Linguistics**, v. 44, n. 2, p. 127-48, 1999.

LEHRER, A. Blendalicious. In: MUNAT, J. **Lexical creativity, texts and contexts**. Amsterdam; Philadelphia. John Benjamin, 2007. p. 115-133.

MARANGONI JR., C. E. A interface morfologia-fonologia no blending: uma análise pelo modelo da teoria da otimidade. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 103, p. 29-53, jan./jun. 2021.

MARCHAND, H. **The categories and types of present-day English word-formation: a synchronic-diachronic approach**. München: Beck, 1960.

MARTÍNEZ, C. Morfologització i semantització. El *blending*, un recurs de creativitat lexicosemàntica dels aprenents de català en l'Educació Secundària Obligatòria. **Revista Internacional d'Humanitats**, Univ. Autònoma de Barcelona 31, p. 65-78, maio/ago. 2014.

MATTIELLO, E. **Extra-grammatical morphology in English**: abbreviations, blends, reduplicatives and related phenomena. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2013.

MICHAELIS, C. Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023.

MINUSSI, R. D.; VILLALVA, A. M. S. M. Reconhecimento e acesso lexical dos blends em português europeu e português brasileiro. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2020.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

PIÑEROS, C. E. **Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish**. Rutgers: Rutgers University, 2000.

PLAG, I. **Morphological Productivity**: structural constraints in English Derivation. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999.

RIO-TORTO, G. M. Blending, cruzamento vocabular ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (des)semelhanças com a composição. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 7-29, jan./jun. 2014.

RIO-TORTO, G. M. **Morfologia derivacional**: teoria e aplicação ao português. Lisboa: Porto, 1998.

RONNEBERGER-SIBOLD, E. Blending between grammar and universal cognitive principles: Evidence from German, Farsi, and Chinese. In: RENNER, V. *et al.* (org.). *Cross-Disciplinary Perspective on Lexical Blending (Trends in Linguistics: Studies and Monographs 252)*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2012. p. 115-143.

RONNEBERGER-SIBOLD, E. Lexical blends: Functionally tuning the transparency of complex words. **Folia Linguística**, 40 (1-2), p. 155-181, 2006.

SÂNDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 181-206.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et labor; Ícone, 1985.

SANDMANN, A. J. **Morfologia geral**. São Paulo: Contexto, 1989.

SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1990.

SCOTT, L. Correspondence theory and phonological blending in French. **SHS Web of Conferences 8**, 2014. DOI: 10.1051/shsconf/20140801194, 2014.

- SILVEIRA, C. M. F. da. **Cruzamento Vocabular em português**: acaso ou processo? Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- SIMÕES NETO, N. A. Outras palavras: as palavras-valise entre revisões e sistematizações. **Tabuleiro de Letras**, v. 10, p. 46-64, 2016.
- STEINBERG, M. **Neologismos de língua inglesa**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- ŠTEKAUER, P. On some issues of blending in English word formation. **Linguistica Pragensia**, 1: 26-35, 1991.
- STOCKWELL, R.; MINKOVA, D. **English words**: history and structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- THORNTON, A. M. Italian blends. *In*: TONELLI, L.; DRESSLER, W. U. (ed.). *Natural Morphology: perspectives for the nineties*. Padova: Unipress, 1993. p. 143-155.
- VILLALVA, A.; GONÇALVES, C. A. V. **The phonology and morphology of word formation**. *In*: WETZELS, J.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (org.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. v. 1, p. 167-187.
- VILLALVA, A.; MINUSSI, R. D. Description and analysis of a Portuguese blend corpus. *Corpus [online]*, 23, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/corpus.6436>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corpus/6436>. Acesso em:
- VIVAS, V. M.; MORAIS, M. A. A morfologia faz sentido: integração entre texto, leitura e análise morfológica. **DIADORIM**, v. 23, p. 550-568, 2021.